

VERÃO

RUBEM BRAGA

UM amigo indignado: "Mas veja você o que é civilização e o que é atraso. Em Paris todo mundo vai se embora no verão. Milhões de pessoas pobres e ricas vão para o campo e as praias, fechando-se milhares de fábricas e casas comerciais. Aqui temos um verão vinte vezes pior que em Paris — e só a gente rica sai da cidade. O comércio não quer perder um dia sequer de lucros. O comércio francês, muito mais modesto em seus lucros, perde mais de um mês por ano — sem falar das casas que não se abrem nem no sábado nem na segunda-feira. Veja essa gente que está suando aí, praguendo contra o calor, com medo de insolação: uns suam porque são escravos; outros, porque são avaros..."

Eu concordo — mesmo porque estava com calor demais para discutir. Na verdade, o agosto em Paris é um mês deserto e até os jornais reduzem suas páginas, porque os anunciantes se retraem e alguns milhões de leitores estão fora. Os cronistas mandam de vez em quando uma notinha muito leve de alguma aldeia ou de alguma praia do Mediterrâneo, e os jornais sem assunto publicam unânimes, pelo dia 15, uma reportagem clássica e vazia mostrando uma grande praça ou um "boulevard" com dois ou três gatos pingados...

Mas estamos no Rio — e já que devemos enfrentar o verão vamos fazer isso com grandeza d'alma. A Saúde Pública nos dá conselhos lindos, mas nem todos muito fáceis de seguir. Comer legumes, por exemplo, é de uma tristeza sem limites, a que jamais me sujeitarei sob nenhum pretexto. Não beber água às refeições é outro conselho lindo que ninguém se-

gue. O conselho principal — "não vá à cidade, não trabalhe" — a Saúde Pública não dá, porque é subversivo. Proibe-nos qualquer bebida alcoólica — ignorando assim o quanto um "chopp" geladinho é grato ao coração carioca. Devíamos é economizar durante o inverno para beber "gin" tônica com suco de limão em janeiro em um bar refrigerado. Não fizemos isso. Durante o ano a única providência para o verão foi o corte de muitas grandes árvores e a poda catastrófica de milhares de outras.

Com uma sutil malícia, a Saúde Pública nos aconselha agora a não andar ao sol. Muito bonito — mas até o bellissimo "flamboyant" de meu amigo foi cortado, dentro de suas terras, pelo facão dos agentes arborícolas do general, porque ensombrava uma calçada...

Consolemo-nos na contemplação das damas, essas nobres damas fiéis que não fugiram para as serras. Dizem que nesta quadra devemos amar apenas as louras pálidas, muito refrigerantes, que participam mais da natureza da cenoura que do "beef", mas é impossível não notar que as morenas queimadíssimas estão mais magras e, vestidas de branco, muito mais lindas.

Evitar qualquer conversa sobre siderurgia, petróleo e Polícia Especial. Ler somente livros de poetas magros, como Augusto Meyer e Carlos Drummond, e ao entardecer Bandeira, pois Ribeiro Couto e Vinícius de Moraes já são perigosos e um poema de Schmidt naturalmente estupora. Tirar das paredes os Di Cavalcanti e qualquer outro abusador de cores quentes, usar apenas o Picasso da fase azul e principalmente Vlaminck.

Em música, Chopin e Debussy moderadamente. Na imprensa evitar Carlos Lacerda ou qualquer outro profissional suscetível de fácil acaloramento nos debates, fugindo também aos estilos barrocos gênero Chateaubriand, etc. Revista, ler "Sombra". Amigos, os mais frios e quietos. Pequenas, gênero "grapete" ou "coca-cola"...

7.1.49